Petróleo

Rafael Nogueira

Produção, Consumo e Saldo Comercial do Petróleo

Pelo segundo mês consecutivo, a produção nacional de petróleo bateu recorde, superando a casa dos 72 milhões de barris em agosto de 2014, o que representa uma média de 2,32 milhões barris por dia. Este novo recorde representa um crescimento de 2,60%, com relação ao mês anterior, e de 15,68%, em comparação com o mês de agosto de 2013.

Diferentemente da produção, que apresentou crescimento na variação mensal e na comparação anual (Tabela 2.1 e Gráfico 2.1), consumo, importação e exportação tiveram crescimento em relação a agosto de 2013, mas queda quando comparados a julho deste ano. O consumo em agosto teve pequena queda de 0,64% em relação a julho, e, apesar do crescimento no ano, registrou aumento de apenas um dígito na comparação com agosto de 2013 (3,69%). O consumo de petróleo equivale ao volume refinado nas refinarias nacionais, o que é uma *proxy* da atividade econômica, devido à capilaridade do uso de combustíveis na produção. A queda do consumo no mês está em linha com o resultado da atividade econômica nacional, que apresentou queda de 0,6% na comparação do segundo trimestre de 2014 com o primeiro trimestre deste ano.

Importação e exportação foram as contas que mais oscilaram, ao registrarem forte queda na comparação com o mês de julho (52,23% e 40,73%, respectivamente) e ao apresentarem expressivo crescimento em relação a agosto de 2013, 27,23% e 37,99%, respectivamente. Em agosto, apesar do crescimento da produção não ter sido acompanhado pelo consumo, as exportações não aumentaram. Este resultado pode ser um reflexo do cenário internacional que ainda registra baixo crescimento, afetando a demanda por petróleo. Já as importações foram impactadas pelo desaquecimento da economia nacional. No acumulado 12 meses, produção recorde e consumo estagnado registrados em agosto repetem a tendência apresentada em julho deste ano (Gráfico 2.2).

O saldo comercial em agosto foi 23% menor que em julho. Importações e exportações registraram queda, porém as importações tiveram queda proporcionalmente maior que as exportações, gerando um saldo positivo. No acumulado 12 meses, o saldo da balança comercial de petróleo continua a registrar crescimento, seguindo tendência iniciada no início de 2014 (Gráfico 2.3).

Em agosto, os estados do RJ, SP e BA acumularam um aumento de produção de aproximadamente 1,92 milhões de barris em comparação com julho, e foram os principais responsáveis pelo acréscimo na produção total de 1,83 milhões de barris registrada no mesmo período (Tabela 2.2). A produção do pré-sal foi de 16,523 milhões de barris, o que equivale a 23% da produção total nacional no mês, e aumento de dois pontos percentuais em relação a julho.

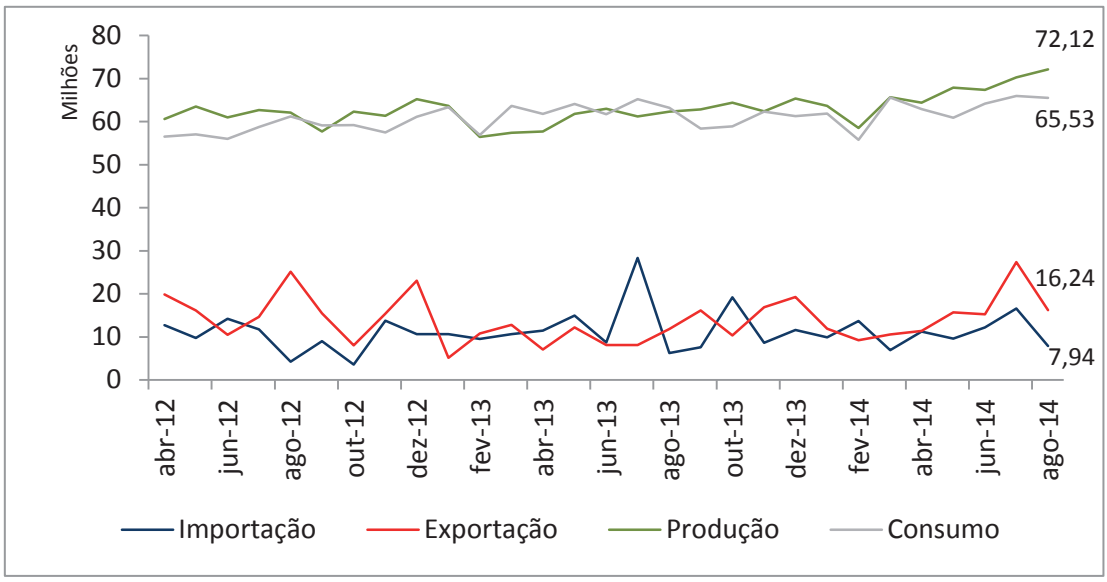
Roncador e Marlim Sul, ambos da Petrobras, foram os campos com maior produção no mês, com 8,92 milhões e 7,2 milhões de barris, respectivamente. Com

Tabela 2.1: Contas Agregadas do Petróleo (Barril)

Agregado	ago-14	ago-14/jul-14	ago-14/ago-13	Tendência 12 meses	jul-14	ago-13
Produção	72.115.775	2,60%	15,68%		70.285.770	62.341.229
Consumo	65.534.182	-0,64%	3,69%		65.957.245	63.200.148
Importação	7.942.834	-52,23%	27,23%		16.628.287	6.242.997
Exportação	16.239.480	-40,73%	37,39%		27.400.295	11.819.915

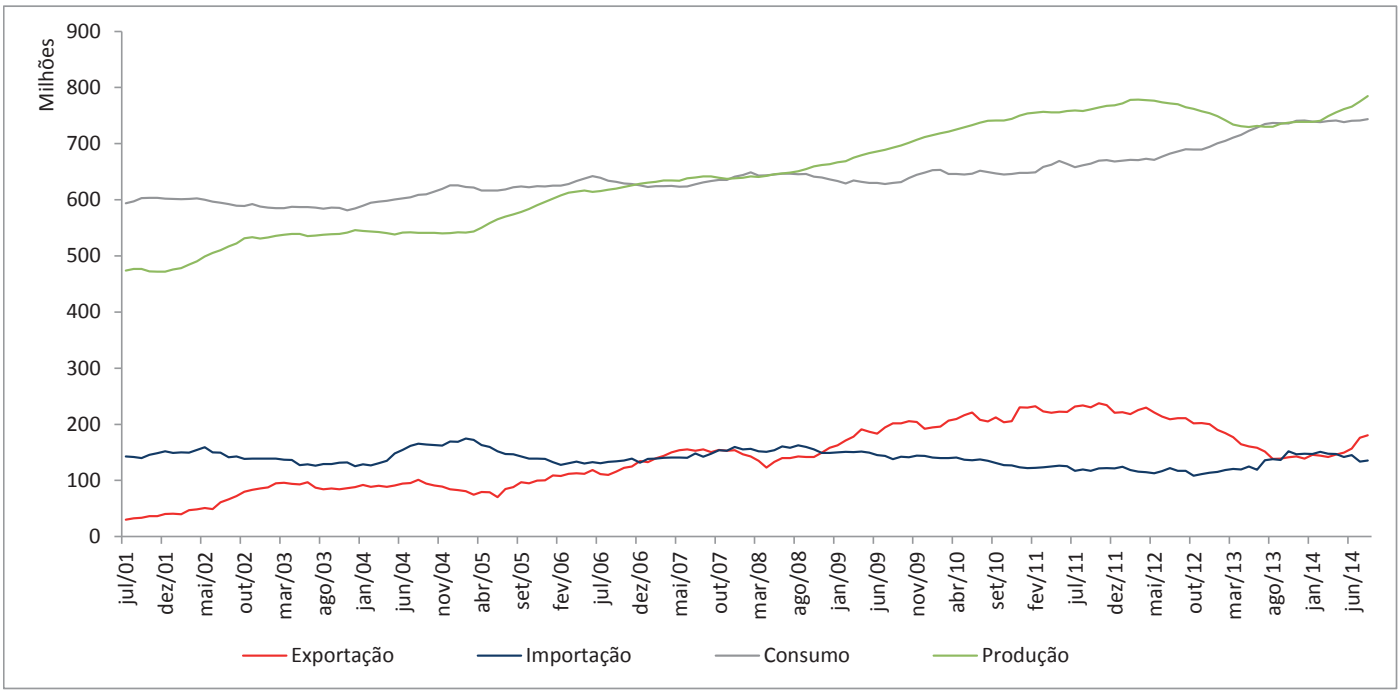
Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP.

Gráfico 2.1: Contas Agregadas do Petróleo (Barril)



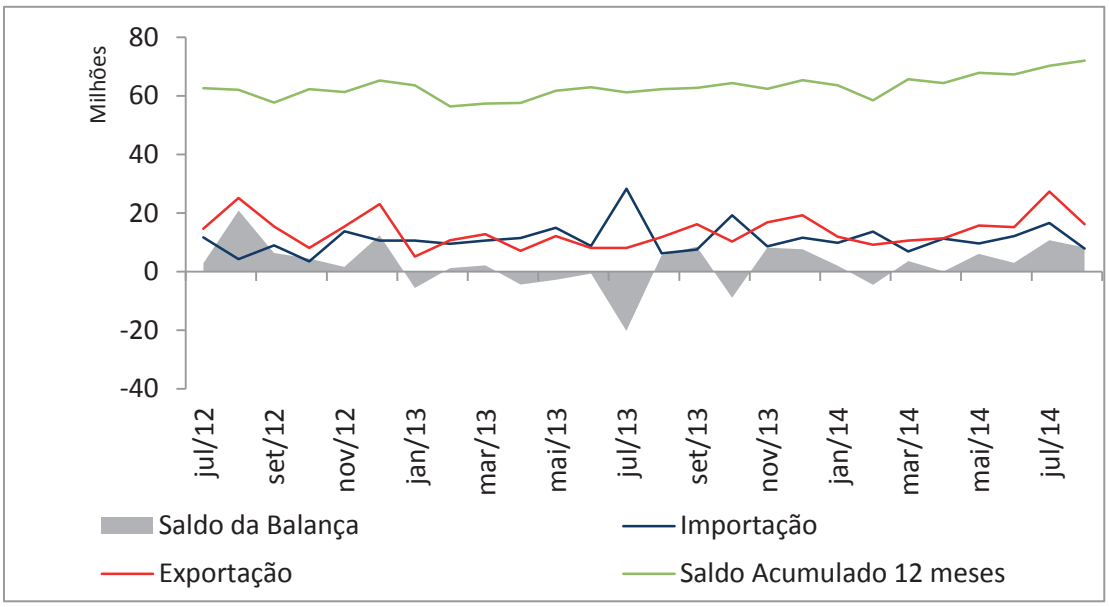
Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP.

Gráfico 2.2: Contas Agregadas do Petróleo, Acumulado 12 meses (Barril)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP.

Gráfico 2.3: Balança Comercial e Saldo Acumulado 12 meses (Barril)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP.

Tabela 2.2: Produção por Estado (Barril)

UF	Localização	ago-14	ago-14/jul-14	ago-14/ago-13	Tendência 12 meses	jul-14	ago-13
AL	Onshore	136.159	-3,60%	20,92%		141.238	112.607
	Offshore	10.189	-1,00%	-11,79%		10.292	11.551
AM	Onshore	859.597	-0,16%	-5,64%		860.975	910.976
BA	Onshore	1.314.213	-1,26%	-2,78%		1.331.038	1.351.811
	Offshore	405.764	1210,92%	1088,84%		30.953	34.131
CE	Onshore	34.581	8,56%	-3,56%		31.853	35.859
	Offshore	188.353	-5,81%	-13,90%		199.979	218.765
ES	Onshore	467.875	-0,36%	7,91%		469.560	433.582
	Offshore	11.303.081	3,42%	28,62%		10.929.324	8.787.745
MA	Onshore	4.471	0,00%	0,00%		4.471	4.471
RJ	Offshore	49.406.777	1,50%	9,61%		48.677.529	45.076.214
RN	Onshore	1.539.852	-2,06%	-4,78%		1.572.293	1.617.220
	Offshore	222.126	-0,40%	-3,33%		223.022	229.770
SP	Offshore	5.357.042	17,84%	136,91%		4.545.973	2.261.202
SE	Onshore	841.926	-0,28%	-3,79%		844.286	875.119
	Offshore	23.770	-94,24%	-93,75%		412.984	380.207
Total		72.115.775	2,60%	15,68%		70.285.770	62.341.229

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP.

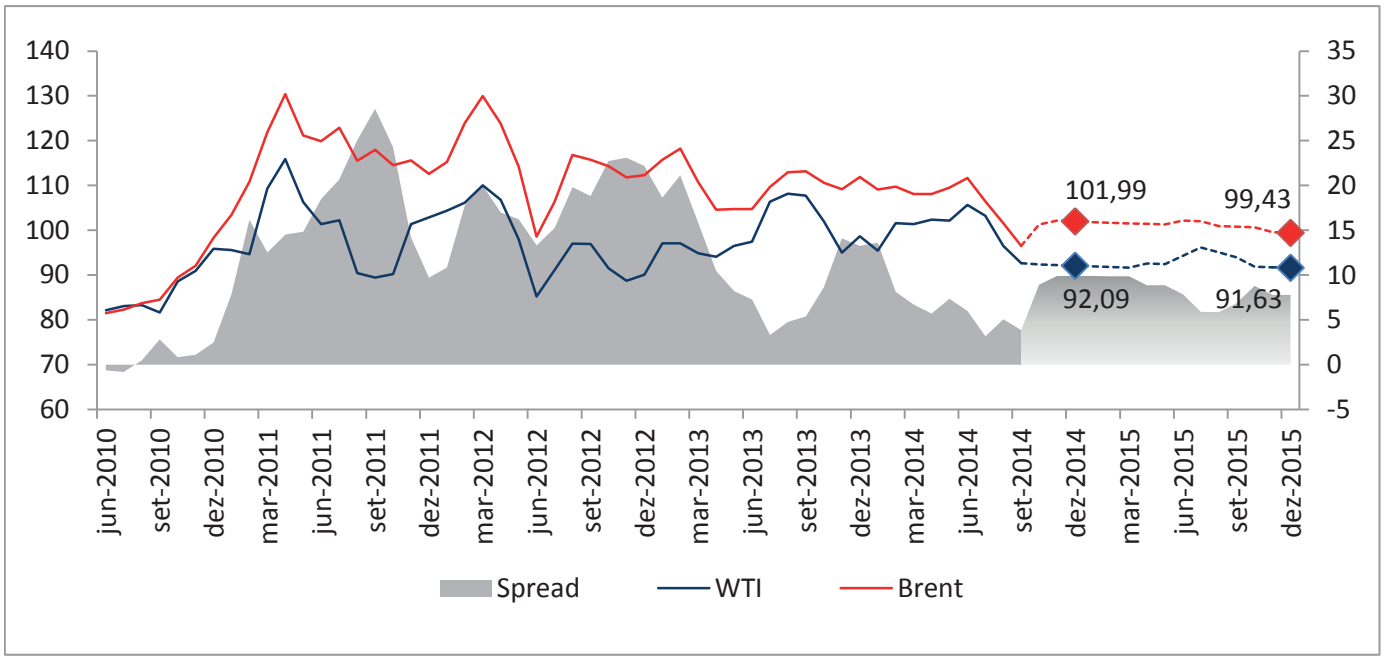
relação a outras empresas produtoras de petróleo no país, os campos de Peregrino da Statoil (9º maior produtor), Frade da Chevron (18º) e Argonauta da Shell (19º), produziram 2,32, 0,93 e 0,83 milhões de barris, respectivamente.

Segundo a ANP, o grau API médio do petróleo produzido no mês foi de aproximadamente 24,6, sendo que apenas 9,3% da produção são consideradas como óleo leve (>=31°API), 61,3% como óleo médio (>=22 API e <31 API) e 29,4% como óleo pesado (<22 API), de acordo com a classificação da Portaria ANP nº 09/2000.

Em setembro de 2014, o enfraquecimento da demanda global de petróleo contribuiu para o valor médio mensal de US$ 97/bbl do óleo cru Brent, segundo a EIA (Energy Information Administration). É a primeira vez que este óleo atinge um preço abaixo de US$100 em mais de dois anos. A projeção para o fim deste ano e de 2015 são de, respectivamente, US$ 101,99 e US$99,43/bbl. O óleo cru WTI continuou a sua tendência de queda iniciada em junho, e registrou um preço médio em setembro de US$ 92,6/bbl. Suas projeções para o fim deste ano e de 2015 são de US$ 92,09/bbl e US$ 91,63/bbl (Gráfico 2.4).

O preço do petróleo abaixo de US$ 90/bbl tem impacto direto nas contas nacionais dos países da OPEP, o que gerou a manifestação da Venezuela em pedir uma reunião de emergência na organização. Arábia Saudita, Kwait e Emirados Árabes são os países que conseguem suportar melhor este cenário de preços baixos, ao contrário de Iraque e Líbia, devido ao cenário de conflitos nestes países. Este patamar de preços também tem impacto direto nas petroleiras, o que vem gerando queda do valor das ações destas companhias no início de outubro.

Gráfico 2.4 : Preço Real e Projeção ($/Barril)

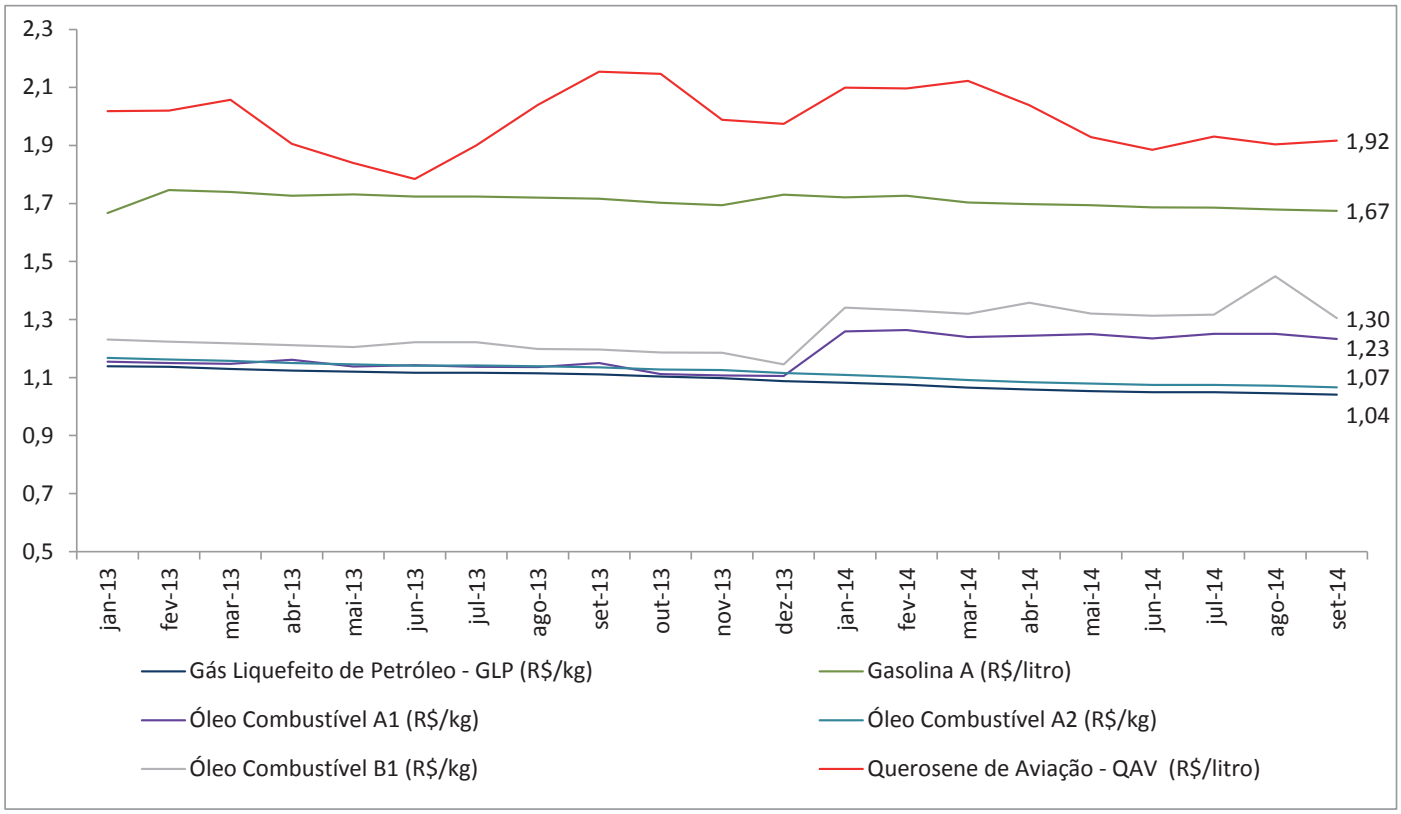


Fonte: Elaboração própria a partir de dados da EIA.
Deflator: CPI US.

Derivados do Petróleo

Considerando 28 de setembro de 2014 o último dia de coleta[1], o preço médio da gasolina coletado pela ANP foi de R$ 1,67/litro, igual ao mês anterior, e praticamente constante nos últimos seis meses (Gráfico 2.5). Em compasso de espera, devido ao período de eleições, um possível aumento está sendo aguardado ainda para este ano pelo mercado financeiro, após a declaração do Ministro Guido Mantega veiculada na imprensa no início de setembro.

Gráfico 2.5: Série de Preços Reais dos Combustíveis



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP.
Deflator: IPCA.

[1] A ANP apura e divulga os preços médios ponderados semanais praticados pelos produtores (refinarias, centrais petroquímicas e formuladores) e importadores de gasolina A, óleo diesel, querosene de aviação - QAV e gás liquefeito de petróleo - GLP. ICMS não é considerado no cálculo dos preços médios. Estão incluídas, quando couber, as parcelas relativas à Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico - Cide, instituída pela Lei nº 10.336, de 19/12/2001, e alterada pelo Decreto nº 4.565, de 1/1/2003, e dos Programas de Integração Social e de Formação do Patrimônio do Servidor Público - PIS/Pasep e Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social - Cofins, conforme a Lei nº 9.990, de 21/7/2000.